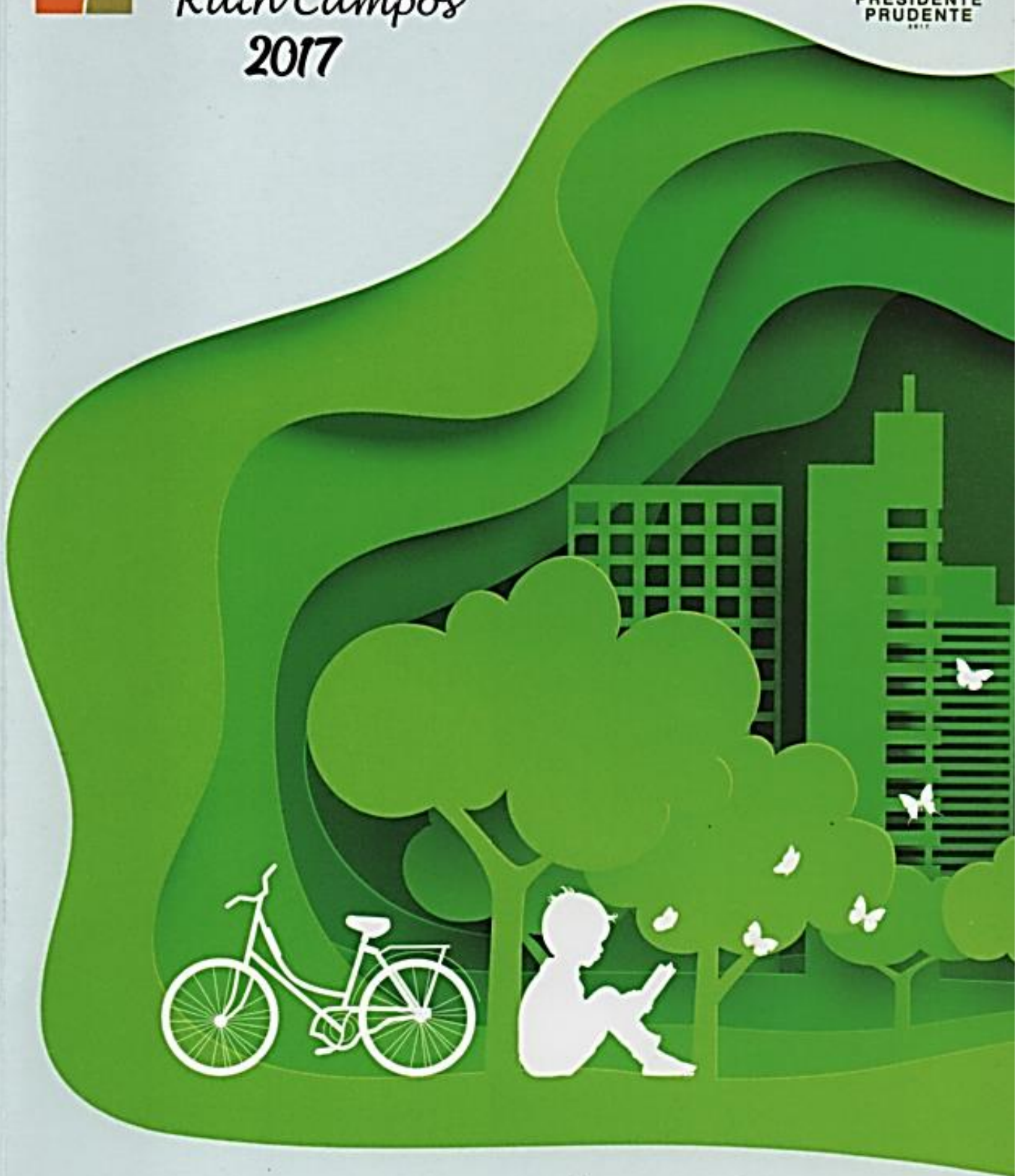




XI CLIPP

Concurso Literário
de Presidente Prudente
Ruth Campos
2017



XI Concurso Literário de Presidente Prudente Ruth Campos.- Presidente Prudente: NB Impressos Gráficos, 2017.

200 p.

Tiragem: 2000.

1. Presidente Prudente – Literatura Brasileira. 2. Conto. 3. Crônica. 4. Poesia I. Título.

CDD – 869.9

Tiragem: 2000

Todos os direitos reservados para os autores.

Esta obra está protegida pela lei nº 9.610. Não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização dos autores.

Qualquer transgressão à Lei dos Direitos Autorais será passível de procedimento judicial.

CONTOS

(IN)CIDADANIA	16
A ARCA DAS HISTÓRIAS	18
A BIBLIOTECA ESTÁ VIVA, E AGORA?	20
A CIDADE ESCONDE MIL SEGREDOS	24
A MUDANÇA	26
A ÚLTIMA ONDA	28
ARREPENDIMENTO	30
AS PENETRAS DA PRECE	33
BICHO PAPÃO	35
BOB	37
CLANDESTINIDADE	40
INSEGURANÇA PÚBLICA	42
MADRUGADA COM MÁRIO DE ANDRADE	44
MANECO SUNIM	47
NO RASTRO DO SEU PERFUME	51
NOITE DE RÉVEILLON	54
O BEIJO	57
O ESTRANHO	58
O HOMEM QUE QUERIA VER O MAR	60
O MENINO E A BOLA	63
O OCEANO	65
OS MENINOS	67
SAGRADO	70
SEGREDOS DO MAR	72
SEJA HOMEM	75
SEM CONFETES	78
SEPARAÇÃO	81
SERMÃO DO SILÊNCIO	82
SOBRE O TEMPO E AS COISAS QUE PASSAM	83
UM NINHO VAZIO	85
UMA PESSOA DE SORTE	86
VERÃO 2	88
VIDAS DEVASTADAS	91
VIDAS QUE SE CRUZAM	92

SEM CONFETES

PAULO AUGUSTO MÁRIO ISAAC

Entrei apressado com a carta na mão. Vi uma mulher envelhecida, sentada e bem vestida. Olhei-a fixamente e reconheci a rainha de bateria, linda mulher negra de passos elegantes.

- Oi, tudo bem?

- Tudo bem. Quanto tempo, menino!

- Faz tempo, mesmo. Como você está, mulher?

- Continuo morando lá embaixo. Casei-me com o Perninha. Você se lembra dele? - Eu acenei afirmativamente com a cabeça, então ela continuou.

- Ele morreu num assalto. Coitado! Eu fiquei trabalhando e criando os filhos. Agora já estão todos casados. O mais velho mora em Martinópolis, o outro em São Paulo e as duas meninas em Prudente. Uma se casou, tem uma criança e mora lá na Vila mesmo. A outra se perdeu na vida. Quer dizer, ela se casou também. Teve duas meninas, mas largou do marido. Quando se separou, ela foi morar lá em casa, mas aí desandou a arrumar homens. Arrumou um e levou lá pra casa, largou e pegou outro e depois outro. Não aguentei aquilo não! Botei ela pra fora. Cada dia levar um homem novo pra dentro da minha casa? Negativo! Vai arrumar a sua vida pra lá! Eu tô tranquila. Mas eu não deixei levar as minhas netas, não. As duas estão morando comigo.

- Sei. E você está trabalhando?

- Tô nada. Eu fiquei muito doente. Eu estava trabalhando em uma lanchonete, estas de furgão, sabe como é que é? Uma noite, eu agachei pra pegar umas coisas de limpeza em uma caixa e senti uma picada na mão. Na hora eu pensei que não fosse nada. Moço, eu fui picada por um escorpião, acredita? A dor foi tanta que eu desmaiei! Fiquei muitos dias na UTI. Quase morri! O pior é que tomei tanta morfina que foi preciso arrancar todos os meus dentes. Deu um problema na minha gengiva e teve que arrancar tudo! Olha aí. - E exibiu, com tristeza

estampada no rosto, sua boca banguela.

- Não me acostumei com a dentadura. Ai fiquei assim. Está bom. Ainda vou voltar a trabalhar.

- Nossa! Então, agora você recebe do INSS?

- Que nada! Eu não era registrada, não. Eu nunca fui registrada! Naquele tempo da escola, eu trabalhava de doméstica em troca de comida, roupa e uns trocados. Na época de algodão e amendoim, a gente ia pra boia fria. Lembra-se? À noitinha, quando chegava o caminhão cheio de gente lá na Vila e a gente cantando: “Ierererê, venham conhecer. Chegou um novo Bloco na cidade, Se Sair é Milagre acaba de nascer, iererê”... Éita tempo bom, hein?

- Era mesmo...

- Então, como eu estava te dizendo, eu nunca fui registrada. Aqui em Prudente, até hoje é assim. Você pensa que quem trabalha nesses furgões de lanchonetes, nesses condomínios, ou como empregadas domésticas é registrado? Esse povo não é registrado, não. Eles registram um ou dois, só pra enganar a lei. Mesmo assim eu vou pelejando e sobrevivendo. Depois que o meu marido morreu, eu fui morar em outra cidade. Trabalhei lá quase um ano. Ai as coisas se acalmaram aqui. Lá não deu nada certo, então eu resolvi voltar pra Prudente. Quando eu descii na rodoviária, era madrugada. Eu tinha dormido no ônibus, ainda estava zonza. Fui atravessar aquela rampa da rodoviária, você sabe qual é? – Acenei que sim.

- Veio um carro e pimba! Fui parar no hospital. Cheguei lá, uma enfermeira me conheceu e chamou a minha filha. Tá vendo? Não adianta eu mudar de Prudente, aqui todo mundo me conhece. Se fosse em outro lugar, ninguém ia me conhecer não. Aqui eu tenho muitas amizades.

- E as suas irmãs e seu irmão?

- Meu irmão foi morar em São Paulo. A Cidinha, lembra dela?

- Claro que me lembro. (Como não me lembrar. Era a nossa porta bandeira, linda e dona de uma alegria contagiante).

- Pois é, se matou! Um dia, ninguém sabe por que, o marido chegou em casa e ela estava enforcada. Coitada!

- Meu Deus! E a Rosinha?

- Ficou maluca. Você sabe, ela nunca foi muito certa da cabeça. Mas de uns tempos pra cá, pirou de vez. A Gilmara está cuidando dela.

- A Gilmara, nosso destaque das passistas! Como ela está?

- É a única que está melhor de vida. Mora lá no bairro Maré Mansa e trabalha no Jardim Aviação. É ela quem socorre todo mundo lá de casa quando a gente não tem pra onde correr.

Naquele instante, soou campainha.

- É a minha senha, disse ela. Finalmente chegou a minha vez!

Postou sua encomenda e, em seguida, despediu-se de mim com um sorriso.

Eu, com a carta na mão, a vi sair de cabeça erguida, desfilando seu porte de rainha de bateria, linda mulher negra de passos elegantes.

FIM